



## Grandes acontecimentos como aplicação estratégica dos discursos jornalísticos: a Batalha do Irany (1912) e o combate aos “germanófilos” (1917) nas páginas de *O Progresso* e do *Diário dos Campos*<sup>1</sup>

Felipe Simão PONTES<sup>2</sup>

### Resumo:

Este artigo estuda os discursos sobre a Batalha do Irany (1912) e sobre os “germanófilos” pontagrossenses na Primeira Guerra Mundial (1917), presentes no jornal *O Progresso/Diário dos Campos*. Utiliza-se a metodologia da análise arqueológica dos discursos proposta por Michel Foucault. Entendem-se esses discursos do jornal como estratégias que alinhavaram modos específicos de enunciação, constituição de objetos e conceitos com vistas a inserir a produção do jornal em relações de saber e poder. A pesquisa apresenta formas como o jornal projetava condutas e comportamentos como ideais, ao passo que marginalizava outras. O jornalismo praticado por *O Progresso/Diário dos Campos* colocou a serviço desses temas seu arsenal de destaque, formas para atrair a atenção dos leitores e demonstrar a importância do tema tratado. Os dois acontecimentos servem para se perceber como fatos externos ao cenário pontagrossense reverberaram localmente na vida de pessoas e na utilização de espaços públicos.

**Palavras-chave:** *Diário dos Campos*. *O Progresso*. Contestado. Batalha do Irany. Alemães.

## Great events as strategic application of journalistic discourse: the Battle of Irany (1912) and the combating to “germanophiles” (1917) in the pages of the newspapers *O Progresso* and *Diário dos Campos*

### Abstract:

This article examines the discourses about the Battle of Irany (1912) and about “germanophilism” in Ponta Grossa [city] during the First World War (1917), present in the newspaper *O Progresso/Diário dos Campos*. This article uses the methodology of the archaeological analysis of the discourses proposed by Michel Foucault. These discourses of newspaper are understood as strategies that aligned specific modes of enunciation, constitution of objects and concepts with a view to inserting newspaper production into relations of knowledge and power. The research also presents ways in which the newspaper projected behaviors and spaces as ideal, while it marginalized others. The journalism practiced by *O Progresso/Diário dos Campos* putted its resources at the service of these themes, ways to attract the attention of the readers and demonstrate the importance of the subject. The two events serve to perceive how events outside the scenario of the city reverberated locally in the lives of people and in the use of public spaces.

**Keywords:** *Diário dos Campos*. *O Progresso*. Contestado. Battle of Irany. Germans.

## Grandes eventos como aplicación estratégica de los discursos periodísticos: la Batalla de Irany (1912) y la lucha contra los “germanófilos” (1917) en las páginas de los periódicos *O Progresso* y *Diário dos Campos*

### Resumen:

Este artículo estudia los discursos sobre la Batalla de Irany (1912) y sobre el “germanófilos” en Ponta Grossa [ciudad] durante la Primera Guerra Mundial (1917), presentes en el periódico *O Progresso/Diário dos Campos*. Se utiliza la metodología del análisis arqueológico de los discursos propuesta por Michel Foucault. Se entienden estos discursos del periódico como estrategias que alinearon modos específicos de enunciación, constitución de objetos y conceptos con el objetivo de insertar la producción del

<sup>1</sup> Uma versão deste texto foi apresentada no VI Encontro Regional Sul de História da Mídia, que ocorreu na Universidade Estadual de Ponta Grossa, em junho de 2016.

<sup>2</sup> Professor da Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Integra o Grupo de Pesquisa Jornalismo, Conhecimento e Profissionalização. *E-mail*: felipesimaopontes@gmail.com.





periódico en relaciones de conocimiento y poder. La investigación presenta formas como el periódico proyectaba conductas y comportamientos como ideales, mientras que marginalizaba a otros. El periodismo practicado por *O Progresso/Diário dos Campos* colocó sus recursos al servicio de estos temas, formas de atraer la atención de los lectores y demostrar la importancia del tema. Los dos eventos sirven para percibir cómo hechos externos al escenario de la ciudad repercutieron localmente en la vida de las personas y en la utilización de los espacios públicos.

**Palabras clave:** *Diário dos Campos. O Progresso. Contestado. Batalla de Irany. Alemanes.*

## INTRODUÇÃO

Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel: é o centro, é o eixo dessa vida. Antigamente, quando ainda não havia por aquelas bandas jardins e cinemas, era o lugar predileto para os passeios domingueiros das meninas casadouras da localidade e dos rapazes que querem casar, com vontade ou sem ela. [...] é em torno da estação que se aglomeram as principais casas de comércio do respectivo subúrbio. Nas suas proximidades, abrem-se os armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, os açougues e - é preciso não esquecer - a característica e inolvidável quitanda.

(LIMA BARRETO, 1961, p. 145).

Ponta Grossa, uma cidade do interior do estado do Paraná fundada em 1823, localizada nos chamados Campos Gerais<sup>3</sup> - a cerca de 100 km de Curitiba, vislumbra a saída de bucólico vilarejo para um pequeno centro urbano a partir da instalação da Estrada de Ferro Paranaense (1893) e da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (1896). A cidade abriga a estação central da ferrovia São Paulo-Rio Grande, tornando-se um dos principais entrepostos ferroviários e comerciais do sul do país. Talvez, por isso, os primeiros registros sobre a imprensa datem de 1893. Com a chegada das estradas de ferro, novas demandas comerciais, industriais e populacionais tornaram viável a instalação de uma imprensa (PONTES; GADINI, 2006).

O *Diário dos Campos* (até 1912, sob o nome de *O Progresso*) teve circulação ininterrupta de 1907 a 1990, voltando em 1999 até os dias de hoje. Nesse aspecto, configura-se como um documento/monumento importante, pois registra e projeta a história de Ponta Grossa em seu processo de desenvolvimento. O primeiro número de *O Progresso* saiu em 27 de abril de 1907, com circulação semanal, quatro páginas e tiragem de 500 exemplares. O periódico era de Jacob Holzmann, um comerciante que possuía empreendimentos na área cultural.

3 Os Campos Gerais foram o principal caminho paranaense para as tropas de gado vindas do Sul nos séculos XVIII, XIX e início do XX com destino à feira de Sorocaba. As cidades surgem nos pontos de parada, onde o gado invernavia e os tropeiros mantinham pouso. Assim surgem Ponta Grossa, Castro, Palmeira, Tibagi, Irati e a maioria das localidades da região (PINTO; GONÇALVES, 1983).





Em 1912, *O Progresso*, com três edições semanais, uniu sua redação e material tipográfico aos do jornal *Correio dos Campos* (fundado um ano antes), o que possibilitou linotipia e prensas mais modernas para a redação, mais recursos financeiros e de pessoal. Com tiragem diária a partir de 1º de janeiro de 1913, o jornal a passou a ser denominado *Diário dos Campos*. O novo jornal trouxe durante os anos subsequentes o subtítulo de “Ex-O Progresso”.

Em algumas edições de *O Progresso* e do *Diário dos Campos*, as notícias receberam um destaque muito além do que comumente um texto recebia. São os chamados grandes acontecimentos, com títulos e textos que tomavam toda a primeira página ou que redimensionavam toda a produção do jornal. Alguns desses grandes acontecimentos estampavam as páginas em apenas uma ou duas edições. Outros se arrastavam por dias, meses, às vezes por um ano, tomando ora página inteira, ora uma nota, outra vez um artigo, um comentário.

Para discussão mais profunda, é necessário um mapeamento que permita visualizar como, em situações de normalidade, surge o assunto, em que espaço aparece, como ele ganha importância no jornal (SILVA; PONTES, 2012). Esse reconhecimento permite analisar o impacto de um grande acontecimento, que irrompe a ordem do dia e passa a pautar outras modalidades de textos, várias edições, até a redução da noticiabilidade e o completo desaparecimento do assunto.

Foram selecionados dois desses acontecimentos para este estudo: a cobertura por *O Progresso* da Batalha do Irany - primeiro conflito da Guerra do Contestado; e os textos do *Diário dos Campos* sobre a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial. As duas coberturas mostram como o jornal dispôs as informações, construiu suas narrativas, pautou seguidamente o assunto e exerceu o poder de reconfiguração das condutas dos moradores de Ponta Grossa.

### **Singularidades e regularidades nas tramas estratégicas do discurso**

As notícias não foram sempre do jeito que são. O tempo (início do século XX) é outro, o espaço é outro, os conceitos, as teias formadoras de opiniões, a forma de exposição dos conteúdos, a escolha de seus atores, os critérios de seleção mudaram. Mas a prática já se proclamava jornalística, ocupada por profissionais autorizados - os jornalistas -, com matéria-prima específica - a informação -, para um público-leitor. Tudo isso resumido no produto jornal, disposto para direcionar o olhar do leitor para





certos fatos e não outros.

O jornalismo é produtor de discurso, definido na relação coordenada entre saber e poder. O saber, como a estratificação, a materialização de normas e princípios em instâncias do dizer e do ver, do enunciável e do visível, reciprocamente. E o poder, como a relação de forças, a interferência que uma prática causa em outra prática. O saber como regulamento e o poder como exercício (DELEUZE, 2005). Deleuze (2005) divide saber e poder a partir das quatro formações discursivas determinadas por Foucault (2005): as modalidades enunciativas, os objetos, os conceitos e as estratégias. As modalidades enunciativas, os objetos e os conceitos, para Deleuze (2005), estão ligados às formas estratificadas de manifestação do discurso, com a produção de regras, normas e estudos na formação de um saber. Já as estratégias são modos pelos quais as modalidades enunciativas, objetos e conceitos se relacionam, com disposições que dinamizam o processo de aplicação do saber, constituindo um exercício de poder.

Considerando o poder como uma relação de forças, como a ação de uma prática sobre outra, é possível dimensionar a ação do jornal sobre as pessoas objetivadas. Para Foucault (1990, p. 183), “[...] o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles [...]”. Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder”.

Ora, tenho a impressão de que existe, e tentei fazê-lo aparecer, uma perpétua articulação do poder com o saber e do saber com o poder. Não podemos nos contentar em dizer que o poder tem necessidade de tal ou tal descoberta, desta ou daquela forma de saber, mas que exercer o poder cria objetos de saber, os faz emergir, acumula informações e as utiliza. (FOUCAULT, 1990, p. 141-142).

O jornalismo reúne as considerações, os valores, os conceitos de determinada sociedade e trabalha em sua naturalização e transformação nas instâncias sociais. Nesse sentido, vale destacar a diferenciação trazida por Deleuze (2005, p. 85), que afirma que o saber produz regularidades e o poder, singularidades. A imprensa trabalha com essa dimensão cotidianamente: produz regularidades, assenta disposições sociais, legitima ações institucionais, condiciona uma ordem nos fatos e tem por trabalho maior produzir singularidades, de capturar o novo, de vigiar as anormalidades, para transformá-las em saber, buscando concepções e considerações de suas fontes, jornalistas e do arquivo de notícias que acumulam enunciados sobre os estratos sociais.

Segundo Foucault (2005, p. 73-74), as estratégias, como dimensão da articulação





de saber e poder, oferecem a característica lacunar ao discurso, considerando que as formações de seus objetos, de suas enunciações e de seus conceitos estão relegadas às escolhas estratégicas. É importante demarcar, na visão de Foucault (2005, p. 74), o papel que elas tomam numa “economia da constelação discursiva” à qual pertencem. Nesse aspecto, uma mudança na constelação de uma dada formação discursiva pode fazer aparecer novas possibilidades. No nosso entendimento, a *economia da constelação discursiva* responde ao posicionamento e às escolhas que o discurso do jornalismo toma em determinada época e local, ou, ainda, frente a um fato dominante. As escolhas efetuadas dependem também da função que o jornalismo exerce em um campo de práticas. Existe uma forte atuação do jornalismo na disciplina do tempo, no redimensionamento do espaço (tanto geográfico quanto interno), na iluminação de certos atos e no esquecimento de outros (holofote), como disciplina e naturalização de costumes, como demarcador de um espaço público de ação dos diferentes discursos, como construtor e remodelador de condutas, espaços urbanos e de um tipo de país/cidade/povo ideal.

### **Canudos do Sul? A Batalha do Irany e os sertanejos em *O Progresso***

A Batalha do Irany e seus desdobramentos, em 1912, foi, junto da Campanha Civilista de Rui Barbosa (1910), o assunto de maior destaque no jornal *O Progresso* (1907-1912). Muitas das informações iniciais sobre a organização dos sertanejos em torno da figura do monge José Maria n’*O Progresso* têm como fonte o jornal curitibano *Diário da Tarde* e correspondentes na região de Palmas (PR), Coritibanos (SC) e União da Vitória (PR), áreas disputadas pelos estados de Paraná e Santa Catarina durante o período da Guerra do Contestado.

Os sertanejos do Contestado, como explica Woitowicz (2014), foram expulsos da terra em que viviam pelo Estado, por latifundiários e por empresas, principalmente pela empresa que finalizou a estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, que corta o interior dos estados do Paraná e Santa Catarina. A empresa responsável pela construção da ferrovia (Brazil Railway Company) recebeu do governo brasileiro quinze quilômetros de cada lado da linha para explorar e expulsou as pessoas que ali habitavam (WOITOWICZ, 2014). Juntaram-se a elas os desempregados da linha de ferro que não receberam ajuda do empregador e do Estado após o término das obras. Um povo condenado a vagar sem terra, por diversas áreas dos dois estados, e que encontrou na



figura do monge messiânico José Maria a esperança de uma vida melhor. Um povo que lutava pela sobrevivência e acabou ridicularizado, quando não exterminado pelas forças militares do Paraná e de Santa Catarina. A primeira batalha entre os sertanejos e as forças policiais do Paraná ocorreu em 22 de outubro de 1912 e ficou conhecida como “Batalha do Irany”.

As primeiras referências sobre o assunto aparecem em *O Progresso* em 17 de outubro de 1912, com uma fotografia do monge José Maria<sup>4</sup>. O título *O monge José Maria* é colocado em fonte diferente, de forma a atrair a atenção do leitor para o texto. Pode-se dizer que esse texto é colocado como uma curiosidade, uma peculiaridade do sertão do Paraná, pelo modo como detalha as crenças e os enfeites do monge e dos sertanejos.

José Maria Côrtes de Agostinho, intitulado curandeiro é um tipo indiático de 45 a 50 annos, estatura media, cabellos corridos e compridos; usa bonet de couro de jaguatirica, enfeitado com penacho e fitas. No seu acampamento logar denominado Taquarussú, município de Coritibanos, estado de Santa Catharina, José Maria montado em um bonito cavallo, de espada desembainhada, acompanhado por 300 fanaticos, inclusive mulheres e creanças, proclamou a monarchia sendo aclamado imperador o velho octogenario Fullano Rossa Assumpção I; creou a guarda do novo imperio composto de 24 fanaticos, com a denominação 12 pares de França. (O MONGE..., 17 out. 1912, p. 1).

O correspondente do *Diário da Tarde* em Palmeira (PR) colheu a descrição do monge de um viajante recém-chegado de Coritibanos (SC). As características físicas e de vestimentas do monge foram evidenciadas. O destaque maior foi dado às divisões do exército dos sertanejos, similar à divisão exercida por Carlos Magno e seus doze pares de França. O texto já traz a denominação “fanáticos” para caracterizar as pessoas que acompanhavam o monge. O texto não está presente na região esquerda superior do jornal ponta-grossense (área mais valorizada da página), mas em uma posição secundária, na região inferior e direita. O editorial desse número (normalmente o de maior destaque) apresenta o texto *Guerra ao analphabetismo* (REIS, 17 out. 1912, p.1), denominada como a missão de todo e qualquer veículo de imprensa.

<sup>4</sup>Segundo Woitowicz (2014), três monges percorreram a região do Contestado. O primeiro, João Maria Agostini, italiano, circulou durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845), era curandeiro e utilizava orações para atrair os fiéis. O segundo, João Maria de Jesus, francês, circulou durante a Revolução Federalista (1893). Com um discurso mais político, pregava a guerra santa de São Sebastião. O povo acreditava que João Maria de Jesus era o mesmo João Maria Agostini, com 180 anos. O terceiro monge e líder espiritual foi José Maria. Também considerado a reencarnação dos outros dois, era brasileiro, reuniu e comandou os sertanejos na Batalha do Irany (1912). O monge foi morto em combate e os sertanejos passaram a aguardar seu retorno. Uma série de combates ocorreu desde então, sendo que os últimos focos de resistência sertaneja foram reprimidos em 1916.

Na edição seguinte, de 19 de outubro de 1912, o monge é mencionado em uma coluna de assuntos gerais, chamada *Chroniqueta*. A coluna traz algumas notas breves e uma delas descreve que o monge reapareceu no Contestado. Em seguida, traça as diferenças entre o monge anterior, João Maria, e o atual, José Maria. Para a folha pontagrossense, as diferenças eram grandes. O primeiro é chamado de “místico inofensivo”, “com piedade para com os sofredores”. Já José Maria seria um “bandoleiro, capaz de todas as infâmias”. Fecha a consideração afirmando que a força de segurança do governo não deveria deixar de abafar os ímpetos dos “bandidos vagabundos” (CHRONIQUETA, 19 out. 1912, p. 1). O texto do jornal procura desvincular a figura de José Maria da de João Maria. Portanto, para o jornal, José Maria não é um místico, mas um bandoleiro.

[...] As incursões do monge = Reapareceu o monge. Ressurgiu lá no coração do contestado, em marcha para Palmas.

As gazetas o estão pintando com as feições de um sujeito louco dado a fazer de Carlos Magno, com todas as fitas deste contados nas famosas historias lidas no nosso saudoso tempo de *meninice*.

De resto nunca nos iludimos e a propósito escrevemos algumas linhas nas quaes negávamos a identidade de José Maria de Campos Novos com o João Maria legendario, pacato palmilhador de nossos sertões.

João Maria é o mystico inoffensivo, cheio de bondade para com os soffredores, piedade para com os pecados e de meiguice para com seus semelhantes.

José Maria é o bandoleiro capaz de todas as infamias e de todas as miserias. Valha-nos ao menos a satisfação que o governo não trepida em remover o seu regimento de segurança toda para longe, a 10 ou mais leguas de distancia a ir abafar os impetos de bandidos vagabundos. (CHRONIQUETA, 19 out. 1912, p. 1).

Em 24 de outubro de 1912, um longo texto composto de vários telegramas (enviados nos dias 23 e 24 de várias localidades do Paraná, com destaque para Curitiba) e boletins registra a Batalha do Irany, ocorrida, dois dias antes, em Irany (SC), uma região pertencente na época ao município de Palmas (WOITOWICZ, 2014). O título é *Canudos do Sul?*, numa alusão aos combates de Canudos (1892-1898), ocorridos no sertão da Bahia. Os textos ocupam a parte da página destinada aos telegramas, no quadrante inferior à direita, passando para a página dois, no primeiro quadrante à esquerda. Os textos das edições seguintes estão sempre nessa parte do jornal e trazem, todos, o mesmo título (*Canudos do Sul?*). O texto *Canudos do Sul?* (24 out. 1912, p. 1-2) apresenta telegramas, como também ações editoriais e de bastidores do periódico, além de ações de setores da população que transcorreram tão logo a notícia chegou à cidade.

A primeira ação do jornal ao receber o primeiro telegrama expedido de Curitiba no dia 23 foi pregá-lo na “pedra negra”, o que parece ser um quadro no qual as pessoas tinham acesso às notícias antes mesmo que elas fossem publicadas. Seria uma ação similar à realizada por outros jornais do período, como descreve Lima Barreto (1981). A cada novidade, um repórter era escalado para pendurar as informações no quadro e mantê-las atualizadas para a população que se aglomerava em frente ao prédio, aguardando mais notícias. No caso de *O Progresso*, o telegrama (transcrito a seguir) é recebido pelo jornal e pendurado na “pedra negra às três horas da tarde (do dia 23), provocando grande comoção na população” (CANUDOS DO SUL, 24 out. 1912, p. 1).

Noticias officiaes dizem que alem da cidade de Palmas, no logar Irany, desse municipio travou-se renhido combate entre fanaticos, em numero de quinhentos e a força do Regimento de Segurança sob o commando do capitão João Gualberto. Foi derrotado o Regimento morrendo o capitão João Gualberto, tenentes Moraes Sarmento e Libindo Borges, e alferes Adolpho Guimarães. A notícia abalou profundamente a população. O movimento é extraordinario. (CANUDOS DO SUL?, 24 out.1912, p. 1).

O mesmo texto publicado no dia 24 (*Canudos do Sul?*) apresenta um convite, realizado por uma comissão popular, convocando a população para um comício que seria realizado no dia 25 de outubro, às 20h em frente ao Theatro Recreio, no centro de Ponta Grossa. Portanto, o jornal não apenas difunde as informações, mas participa ativamente na constituição das ações da cidade diante do acontecimento.

Convida-se a população de Ponta Grossa para um comicio amanhã ás 8 horas da noite, em frente ao Theatro Recreio.  
O Estado do Paraná com as suas forças vencidas pelas hordas de fanaticos, ou indivíduos suspeitos, precisa levantar-se em peso, para bater-se pela sua liberdade e pela sua civilização ameaçada...  
A morte dos primeiros patriotas que tombaram em defesa do Estado, férem fundo o coração paranaense e todos unidos pelo perigo commum, precisamos prestigiar a acção das auctoridades constituídas. (CANUDOS DO SUL?, 24 out. 1912, p. 1-2).

O editorial do dia 26 de outubro traz um texto poético do redator-chefe, Hugo dos Reis, em homenagem ao Cel. João Gualberto. Na mesma edição, o segundo texto de *Canudos do Sul?* traz a transcrição de uma mensagem endereçada ao presidente do estado, organizada a partir do comício promovido no dia 25. Na mensagem, além das condolências, os organizadores do evento informaram o número de homens que Ponta Grossa podia fornecer em apoio às forças estaduais. Destacava ainda o grande número





de voluntários para lutar pelo estado do Paraná contra o que o telegrama denomina de “fanáticos”. A partir do momento em que acontece o combate e a notícia da morte de João Gualberto e das forças militares chega a Ponta Grossa, há um redimensionamento do jornal para discutir as pautas alusivas à Questão de Limites, disputa judicial entre Paraná e Santa Catarina pela posse da terra da região, e, principalmente, à educação dos caboclos e pessoas pobres do interior paranaense. Na edição do dia 29, o jornal passa a exortar a população para que mantenha a calma e a coragem para enfrentar o inimigo.

“O Progresso” que pretende ocupar um lugar de muita honra e consideração, como representante do commercio e da industria pontagrossenses, tem, como os leitores terão observado, dado curso a informações indestructiveis, transmittindo noticias alarmantes de outros jornaes ou de telegrammas extranhos á redacção. [...]

“O Progresso”, repetimos, será, cada vez mais á medida do seu desenvolvimento, um jornal de solidas informmações.

Continua a exaltação no animo popular, a todos aconselhamos calma, a coragem com tudo é oportuna: combater sem necessidade é loucura, e, sem proveito, loucura é. (CANUDOS DO SUL, 29 out. 1912, p. 1).

Os sertanejos não são mais vistos como paranaenses, mas como uma gente inculta, infantil, facilmente induzida e enganada em sua fé. Descreve ainda os sertanejos como uma sub-raça nacional, com ritos e hábitos “ligados aos índios e negros” (REIS, 5 nov. 1912, p. 1). Para solucionar o problema, o chefe de redação, Hugo dos Reis, defende ser necessário encaminhar professores, pois, a partir da educação, os sertanejos poderiam ter “acesso à civilização”. Reis (5 nov. 1912, p. 1) considera os “instintos aborígenes” misturados com crenças católicas dos caboclos e a infâmia de enfrentar a polícia do estado e matar, o agora herói, João Gualberto, como motivos suficientes para que toda a cidade se coloque a serviço dessa causa.

Seus sentimentos de religião, porem, assentam na hereditaria fé mais cega, explicadas pelos residuos de ideias religiosas africanas e indigenas que perduram nos sertões, com mixtos catholicos, assim como o seu pouco saber, todo empyrico, assenta nos factos naturaes que observa, e a sciencia que têm é o consorcio da finura dos instinctos aborigines a intelligencia luso, applicados numa lucta entranhada contra a natureza. (REIS, 5 nov. 1912, p. 1).

A sequência dos textos (mês de novembro de 1912) traz uma série de editoriais, notas e colunas sobre os sertanejos, programas para educá-los, bem como os preparativos para um novo ataque ao reduto dos sertanejos em Taquaruçu (SC). Entre as 12 edições de novembro, seis textos de maior destaque são relacionados ao caso: *José's*





*Maria e o professorado ambulante; O Arbitramento; Questões de Limites (2); Pelo Caboclo e Ponta Grossa – Praça de Guerra.* Em todas as edições, há notas de soldados voluntários ponta-grossenses que escrevem para o jornal sobre os meandros do trajeto e do sentimento da tropa para o novo combate. O próprio diretor do jornal expede telegramas de algumas regiões do caminho, como Mallet (PR) e União da Vitória (PR). No texto *Ponta Grossa – Praça de Guerra*, informa-se que todas as tropas do norte, de Curitiba e um pequeno reforço federal reuniram-se e seguiram de trem para se juntar às tropas já próximas a União da Vitória (PR).

Os textos sobre a Batalha do Iruya e a revolta dos sertanejos só deixam de ser destaque no final de 1912, com a mudança do jornal de *O Progresso* para *Diário dos Campos* (que ocorreu em 1º de janeiro de 1913) e com o destaque realizado pelo jornal na ocasião da inauguração da Santa Casa de Misericórdia, hospital de Ponta Grossa.

O jornal *O Progresso* trabalha a imagem do monge e dos sertanejos sistematicamente, durante os quatro anos de Guerra do Contestado (1912-1916). No início, foram a ridicularização e o atrativo como curiosidade, associando a figura do monge e seus seguidores a “tipos estranhos”, juntamente com a imagem dos sertanejos e do monge como “facínoras” e “fanáticos”. A classificação realizada pelo jornal é comum ao discurso jornalístico e científico da época no Brasil (SCWHARCZ, 2001). Assim como nas teorias raciais deterministas, o jornal relaciona os sertanejos ao “problema da mestiçagem no país”, chamando-os de “indígenas”, “seguidores de rituais africanos”, e de um povo preso em suas crenças, infantil em sua educação e no grau de civilização. Para o periódico, eles são os inimigos da cultura, antagonismo de cidades cultas como Ponta Grossa e Curitiba, sinais de atraso para o Paraná, criminosos da ordem instituída. Um movimento simbólico que enquadra os sertanejos em um imaginário naturalizado pela imprensa.

### **Os alemães de Ponta Grossa na I Guerra Mundial**

A influência alemã no sul do Brasil não era vista com *bons olhos* por *O Progresso* (1912) e pelo *Diário dos Campos* (1913-1918). Especialmente, porque o periódico considerava os alemães catarinenses os grandes responsáveis pela reivindicação do estado vizinho pela terra do Contestado. As acusações da ligação dos imigrantes alemães ao Kaiser (imperador alemão) resultaram em fortes disputas travadas nas páginas do *Diário dos Campos* em 1917, em especial por causa da I Guerra



Mundial.

O Brasil declarou guerra à Alemanha e, junto, o jornal tornou uníssona a voz e a campanha pelos aliados contra as forças germânicas. Em contrapartida, existiu um conflito que se voltou para a cidade. Ponta Grossa abrigava as mais diversas etnias, como poloneses, sírios, russos, italianos, ingleses e um grande contingente de alemães. Ao declarar apoio incondicional ao governo brasileiro, o jornal declarou guerra também aos imigrantes alemães que viviam na cidade. O *Diário* passou a exercer vigilância a qualquer ato suspeito de alemães e a apoiar e fiscalizar o cumprimento dos decretos governamentais que impunham restrições aos germânicos.

Em 29 de outubro de 1917, um editorial ufanista explicitou total apoio ao Brasil na sua declaração de guerra à Alemanha. O jornal afirma que o “[...] socialismo precisa declarar guerra a guerra. Guerra à Alemanha Imperial. Paz à Alemanha Republicana” (REIS, 1917, 29 out. 1917, p. 1). Nesse período, a imprensa assumiu o compromisso de não atacar os governos e unir o país contra o inimigo (O POVO..., 27 nov. 1917, p. 1). Os imigrantes passaram a ser considerados espões em potencial e qualquer manifestação de apoio ao Kaiser ou à Alemanha era fortemente rechaçada pelo jornal. Entre os imigrantes, os padres de origem germânica eram os mais criticados pelo *Diário dos Campos*, pois realizavam missas na língua alemã, não aceitavam a autonomia do governo brasileiro e exortavam os imigrantes a defenderem o império.

104

A canalha clerical que infesta a nossa abençoada Patria pertencentes á maldita e traiçoeira raça dos Hunos selvagens, espiona torpe, covarde e infamemente as nossas acções fazendo propaganda abertamente pangermanista contra os nossos actos, do pulpito em sermões em allemães [sic], nos collegios aos futuros defensores do Brasil, nas escolas de freiras às famílias, e, por isso, em estado de guerra que nos achamos com essa Nação de bandidos, não devemos mais os tolerar entre nós.

Cumpre-nos o dever patriotico de enxotal-os do Brasil, de afastal-os dos nossos filhos, a chicote.

Padres que da tribuna das nossas igrejas têm feito ás claras e affrontosamente propaganda allemã na lingua perversa contra os Alliados, que defendem o direito e a justiça, e, contra o Brasil, não merecem mais a confiança e a benevolencia caracteristica do povo Brasileiro. Expulsemos esses espões e traidores do nosso Paiz – Para os corvos tedexos de batina!

Abaixo o Clero Allemão!

Viva o Brasil! Viva a Guerra!

Morra o Kaiser. (BOLETIM..., 30 out. 1917, p. 1).

O governo federal determinou algumas normas, como o fechamento de escolas



alemãs que não ensinavam “suficientemente” o português e a história do Brasil. Segundo o jornal, em muitos desses estabelecimentos pregava-se o amor ao Kaiser, o desrespeito à língua e à pátria brasileira e o incentivo à mocidade de se considerarem alemães e não brasileiros (AS ESCOLAS..., 30 out. 1917, p. 1). Outra determinação do governo federal, a de proibir o comércio com qualquer imigrante alemão, fez com fossem suspensas as assinaturas dos alemães. O texto veio em forma de nota curta, e é assinado pelo redator-chefe.

Estando proibido pelo Governo da Republica negociar com os alemães, convidamos os pouquissimos subditos teutos que porventura assignem a nossa folha a accusarem-se, afim de suspendermos a remessa, podendo o assignante vir receber a importancia que pagou nesta gerencia. Recusamos todo e qualquer annuncio de casas allemães. Suspendemos, por esse motivo annuncios suspeitos, que publicaremos com o visto da auctoridade militar. (REIS, 12 nov. 1917, p. 1).

O jornal interferia diretamente nos fatos, condenando os descendentes alemães que sempre viveram na cidade. Apoiava passeatas, promovia congressos entre imigrantes oriundos de nações aliadas e propunha a criação de um clube que pudesse discutir a participação e o apoio cívico de Ponta Grossa ao Brasil e aos aliados (REIS, 6 nov. 1917, p. 1). Em 03 de novembro, cerca de cem pessoas realizaram uma passeata assim noticiada pelo jornal:

Hontem, as duas horas da tarde, mais ou menos, reuniram-se na rua 15 de novembro, cerca de cem pessoas, que aos viva Brazil, aos Paizes aliados e ao Governo da Republica, partiram em passeata civica pela cidade.

Pecorrendo varias ruas foram fazendo apagar os letreiros em lingua allemã de varios estabellcimentos bem como exigindo a entrega de retratos de Kaiser, familia Imperial Allemã, e bandeiras da nação inimiga. As 4 horas da tarde, de volta, reapareceram na rua 15, conduzindo 22 retratos e 10 bandeiras dos inimigos do Paiz.

Todos esses objectos foram conduzidos á Praça Floriano Peixoto, em cujo Centro, com elles foi feito uma grande fogueira. Os populares permaneceram em redôr do fogo n'um entusiasmo crescente até a completa extinção dos retratos e bandeiras odiados.

Durante toda a passeata, tudo correu na maior calma possivel não se verificando aggressões nem depredações. (MANIFESTAÇÃO..., 3 nov. 1917, p. 1).

Em 05 de novembro de 1917, o jornal, em comum acordo com as demais associações e clubes de países aliados, promoveu uma grande manifestação de apoio ao Brasil na guerra e contrário ao imperialismo alemão. Segundo o jornal, cerca de duas



mil pessoas se reuniram em uma passeata pelas principais ruas da cidade (VIVA..., 5 nov. 1917, p. 1).

Abelardo Flores, noticiarista do *Diário dos Campos*, propôs aos pontagrossenses o boicote às casas de comércio alemãs, exortando a todos que não contribuíssem para o enriquecimento de inimigos da pátria, acusando de traidor aquele que fizesse o contrário. O texto vem como editorial, como proposta do jornal à cidade.

Ao nos recordar a todo instante, que em guerra declarada estamos com os hunos, e que se ainda nos achamos de armas em punho a combatel-os em campo aberto e elles insidiosamente contra todas as regras de hospitalidades, nos atraíção e ataca por todos os meios vis até enviando os nossos dinheiros aos nossos inimigos da Patria – é dever nosso com energia e hombridade, aceitamos a lucta, e contra elles, em justa represalia, usarmos digna e abertamente **a arma da boicotagem geral à todas as casas e productos allemães**, e, em consciencia se considerar traidor á nossa Patria e a causa santa dos alliados, aquelle que, pecuniariamente concorre para o prestigio monetario dos inimigos da humanidade. (FLORES, 24 nov. 1917, p. 1 – grifo no original).

Os textos sobre a guerra apareciam, em sua maioria, no editorial ou em textos informativos que ocupavam a parte superior do jornal com títulos em letras garrafais. A narração da manifestação de apoio aos aliados com mais de duas mil pessoas ocupa toda a primeira página do jornal. A maioria dos editoriais ou dos textos de maior destaque do final de 1917 recebe o auxílio de um subtítulo, em forma de apelo ao leitor, denúncia ou exaltação. Do dia 29 de outubro de 1917, quando aparece o primeiro texto de Hugo dos Reis exaltando a entrada do Brasil na guerra, até a última edição do ano, no total de 36 edições, em apenas três o texto de maior destaque não é relacionado à guerra ou a ataques aos alemães de Ponta Grossa.

Toda e qualquer situação discursiva remete ao lugar de fala de seu produto cultural, como lembra Braga (1997). Interessante é perceber como as estratégias do jornal - o uso valorativo do espaço, a criação de um *script* capaz de enquadrar todo e qualquer alemão suspeito como inimigo do Brasil e partidário do Kaiser - oferecem nuances de como o mecanismo disciplinar da imprensa opera e como novas singularidades são captadas e produzidas pela dimensão de poder própria do discurso do jornal. Com o fim da guerra, é o jornal que se volta para os imigrantes alemães, pedindo para que retomem suas assinaturas.

Varias vezes dissêmos a mais de uma vez o affirmemos, e agora de



novo – e isto vae como addendo ao artigo de fundo- nas vespas da paz, o repetimos: o “Diário dos Campos” não foi contra o povo allemão. Foi contra o Governo Allemão. Tambem foi contra parte da intellectualidade allemã profundamente materialista e dahí a origem de certas crueldades, obra de sabios e escriptores, ferrenhos escravos da matéria. (O POVO..., 3 set. 1919, p. 1).

### Considerações finais

Nos grandes acontecimentos exemplares, o jornalismo revela seu caráter funcional e disciplinar. O estudo de dois grandes acontecimentos no jornalismo de Ponta Grossa da década de 1910 permite que compreendamos como um dispositivo de discurso funciona em um regime de fala de exceção. Trata-se de uma convergência de formas de constituição de um objeto de discurso, formas específicas de enunciação desse discurso pelos recursos midiáticos e de conceitos que estruturam a argumentação. Anunciam-se conduções morais alinhavadas a intervenções práticas, momento de agência política de conjunção do saber e do poder.

O jornalismo coloca a serviço desses temas seu arsenal de destaque, a forma do dispositivo impresso para atrair a atenção dos leitores e demonstrar a importância do tema tratado. Ao mesmo tempo, interfere não somente na compreensão, mas também na ação e reação de setores da população. Os dois acontecimentos exemplares servem para se perceber como, em uma espécie de tradução e, portanto, de produção, fatos externos ao cenário ponta-grossense reverberam em mudanças de *status*, relocalização no discurso, categorização disciplinar.

Por isso, é possível notar aportes de direção dupla, ou seja, situações concretas solicitando e direcionando falas e falas construindo e configurando situações. É assim que as reclamações do povo, os crimes, as denúncias recebem a *roupagem* do relato jornalístico aqui estudado e campanhas, recepções, comemorações e textos de reclamação do jornal *O Progresso/ Diário dos Campos* produzem acontecimentos, com um fluxo corrente de sentidos e determinações.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRAGA, José Luiz. “Lugar de fala” como conceito metodológico no estudo de produtos culturais. ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 5., 1997, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ECA/USP, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.



\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

LIMA BARRETO. **Feiras e mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

\_\_\_\_\_. **Memórias do escrivão Isaías Caminha**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PINTO, Elisabete Alves; GONÇALVES, Maria Aparecida. **Ponta Grossa: um século de vida**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 1983.

PONTES, Felipe; GADINI, Sérgio. Análise histórica dos jornais de Ponta Grossa de 1893-1945. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 11-19, jun 2006. Disponível em: <<http://pgsskroton.com.br/seer//index.php/ensino/article/view/1067/1022>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

SCHWARZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Gislene; PONTES, Felipe Simão. Mídia noticiosa como material de pesquisa: recursos para o estudo de produtos jornalísticos. In: BOURGUIGNON, Jussara. A.; OLIVEIRA JUNIOR, Constantino. **Pesquisa em Ciências Sociais: interfaces, debates e metodologias**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2012, p. 49-77.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Imagem contestada– a Guerra do Contestado pela escrita do Diário da Tarde (1912-1916)**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

#### Jornais citados:

##### Diário dos Campos

AS ESCOLAS Alemãs. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 30 out. 1917.

BOLETIM Patriótico. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 30 out. 1917.

FLORES, Abelardo. Olho por olho dente por dente. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 24 nov. 1917.

MANIFESTAÇÃO do Povo. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 3 nov. 1917.

O POVO ALLEMÃO. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 3 set. 1919.

O POVO PARANAENSE se levanta pela defeza da pátria. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 27 nov. 1917.

REIS, Hugo dos. Brazil! **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 29 out. 1917.

\_\_\_\_\_. Club dos Alliados. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 6 nov. 1917.

\_\_\_\_\_. Assignantes allemães. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 12 nov. 1917.



VIVA O BRASIL! **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 5 nov. 1917.

### **O Progresso**

CANUDOS do Sul. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1-2, 24 out. 1912.

\_\_\_\_\_. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1-2, 26 out. 1912.

\_\_\_\_\_. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 29 out. 1912.

CHRONIQUETA. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 19 out. 1912.

O MONGE José Maria. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 17 out. 1912.

REIS, Hugo dos. Guerra ao analfabetismo. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 17 out. 1912.

\_\_\_\_\_. João Gualberto. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 17 out. 1912.

\_\_\_\_\_. Os José's Maria e o Professorado Ambulante. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 5 nov. 1912.

\_\_\_\_\_. Pelo caboclo. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 21 nov. 1912.

Submetido em 04.09.2016

Aceito em 18.11.2017

